

Representações do Eu nas Autobiografias de Rita Lee

Resumo

Neste trabalho, analisamos a construção do eu nas autobiografias “Rita Lee – Uma Autobiografia” (2016) e “Outra Autobiografia” (2023), escritas por Rita Lee Jones de Carvalho e publicadas pela Globo Livros. A primeira obra traz um novo olhar sobre a trajetória da artista, desde sua infância em São Paulo nos anos 1940 até quando foi presa pelo regime militar em 1976, passando pela saída do grupo dos Mutantes em 1972, ascensão como a “rainha do rock brasileiro” e enfrentamento de dificuldades como o vício em drogas e álcool. A segunda obra fornece um relato íntimo dos últimos três anos, apresentando um diagnóstico de câncer de pulmão em meio à pandemia, espiritualidade, rotina e reflexões sobre a morte e envelhecimento. As análises são conceitualmente embasadas no pacto autobiográfico de Philippe Lejeune (1975), citando a verdade subjetiva, a autoficção de Serge Doubrovsky (1977) em relação à liberdade da ficção, entre outros autores citados. A análise combina as críticas de Pollyanna Reis Dias (2019) sobre o engajamento da cantora durante a ditadura, reflexões de Jéssica Feijó (2024), sobre liberdade narrativa de acordo com a “Jornada da Heroína” de Murdock (1990) e estudos de Tiago Ramos e Mattos sobre o pronome “eu” (2022). Também comparações com entrevistas da Rolling Stones fazem parte da verificação da convergência entre contexto fornecido pela mídia e a autobiografia. De acordo com as análises, podemos afirmar que as obras apresentam uma autoimagem intrincada, caracterizada por desafios irônicos, rebeldia, feminismo, vulnerabilidade e espiritualidade que ultrapassam os limites da realidade para criar uma construção altamente literária.

Palavras chave: autobiografia; autorrepresentação; Rita Lee; autoficção; pacto autobiográfico.

Abstract

In this work, we analyze the construction of the self in the autobiographies “Rita Lee – Uma Autobiografia” (2016) and “Outra Autobiografia” (2023), written by Rita Lee Jones de Carvalho and published by Globo Livros. The first work offers a new perspective on the artist’s trajectory, from her childhood in São Paulo in the 1940s until her imprisonment by the military regime in 1976, passing through her departure from Os Mutantes in 1972, her rise as the “queen of Brazilian rock,” and her confrontation with difficulties such as drug and alcohol addiction. The second provides an intimate account of the last three years, presenting a diagnosis of lung cancer amid the pandemic, spirituality, routine, and reflections on death and aging. These works are conceptually based on Philippe Lejeune’s autobiographical pact (1975), citing subjective truth, and Serge Doubrovsky’s autofiction (1977) regarding the freedom of fiction. The analysis combines Pollyanna Reis Dias’s critiques (2019) on the singer’s engagement during the dictatorship, reflections by Jéssica Feijó (2024) on narrative freedom according to Murdock’s “Heroine’s Journey” (1990), and studies by Tiago Ramos and Mattos on the pronoun “I” (2022), while comparisons with Rolling Stone interviews are part of verifying the convergence between the context provided by the media and the autobiography. The findings represent an intricate

self-image characterized by ironic challenges, rebellion, feminism, vulnerability, and spirituality that transcend the boundaries of reality to create a highly literary construction.

Keywords: autobiography; self-representation; Rita Lee; autofiction; autobiographical pact.

Introdução

A escrita autobiográfica é um terreno fértil para o estudo da literatura, pois oferece acesso à subjetividade, experiência, emoção e visão de mundo do autor. No caso de Rita Lee, um ícone da música brasileira, suas biografias "Rita Lee, Uma Autobiografia" (2016) e "Outra Autobiografia" (2023), que foram lançadas pela Globo Livros, contam a história de sua vida privada e pública – incluindo milhares de concertos em quase todos os continentes – revelando a construção da identidade ao longo do tempo.

"Rita Lee, Uma Autobiografia" percorre sua vida desde que era uma menina, crescendo em São Paulo nos anos 40, passando por momentos decisivos como a prisão em 1976 e o encontro com Roberto de Carvalho, até ser aclamada Rainha do Rock Brasileiro. Nesta obra, a narrativa de rebeldia, triunfos e sucesso, que é a história de sua vida, transborda de suas atitudes irreverentes e espírito criativo em uma linguagem ousada que entretém diretamente.

Em contrapartida, "Outra Autobiografia" adota uma voz íntima, meditativa que abrange os últimos três anos – desde a pandemia de Covid-19 até o diagnóstico e a luta contra o câncer de pulmão – quando a autora se despede de seu eu público, mesmo compartilhando suas vulnerabilidades, espiritualidade e projetos.

Esta análise é conduzida à luz do Pacto Autobiográfico de Philippe Lejeune (2008), focando no compromisso com a narrativa verdadeira e na aceitação da subjetividade, que são endossadas pelo público leitor. Também recorreremos às vozes de acadêmicos como Pollyanna Reis Dias (2019), sobre a consciência de Rita Lee sobre os conflitos sociais durante a ditadura sem intervir diretamente, e Jéssica Feijó (2024), além do ciclo "Jornada da Heroína", de Murdock (1990) e a liberdade de criar sua própria história.

Além disso, o conceito de autoficção de Serge Doubrovsky (1977) pode ser usado para entender como Rita Lee representa e dissolve as fronteiras entre o "eu" real e ficcional com manipulação estratégica.

O objeto de estudo consiste na representação que a autora fez da persona Rita Lee. A complexidade da identidade autobiográfica foi abordada por uma mistura teórica, que nos permitiu penetrar profundamente na trajetória, imagem pública e no eu ali representados. Sua importância, como é de amplo conhecimento, reside em sua contribuição para a valorização da música brasileira e na construção artística. Baseado em uma pesquisa bibliográfica e fontes adicionais, o objetivo específico do estudo é verificar tais temas e aspectos narrativos: tanto na contribuição para a biografia; como no impacto em grandes audiências.

Rita Lee foi a principal autora de suas obras (incluindo escrita, seleção de fotos, legendas e capas), junto com o jornalista Guilherme Samora, que é definido como "fantasminha" ou "Phantom" e ajudou com datas e fatos, dado o seu conhecimento sobre a autora. A análise está em diálogo com entrevistas e publicações da Rolling Stone, considerando continuidades e sutilezas do eu ao longo do tempo e momento histórico.

Rita Lee, Uma Autobiografia (2016)

O livro “Rita Lee: Uma Autobiografia”, publicado em outubro de 2016 pela Globo Livros, conta a história da cantora e compositora brasileira Rita Lee desde sua infância até o presente. A autora principal foi Rita Lee, não apenas compondo o texto, selecionando fotos e criando legendas, mas também decidindo a ordem das imagens, definindo a capa e outros detalhes. Ela trabalhou com seu amigo jornalista e editor, o “fantasminha” (como ela o chamava em sua obra), Guilherme Samora. Foi ele quem resolveu os esquecimentos de Rita Lee e buscou verdade em seus relatos a partir de provas documentadas, ofereceu datas exatas e organizou fatos da carreira. A autora é efusiva sobre Samora: “Que jornalista prestigiado, que sempre disse algo bom sobre mim.” Rita Lee também justifica sua incursão na autobiografia afirmando que isso lhe permitiu “contar as coisas do meu lado, sem censura ou filtros” e que “foi meio horrível para uma terapia terapêutica falar sobre o passado e sentimentos.” O livro oferece uma visão abrangente da trajetória da cantora, desde sua criação inconformista na São Paulo dos anos 1950 até ser reverenciada como “rainha do rock brasileiro”, testemunhando triunfos e tribulações.

Um momento marcante é seu último show em 25 de janeiro de 2013, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, onde ela se despediu dos palcos vestindo a bandeira da cidade como capa. A autora reflete sobre isso com humor e orgulho:

Rita, hoje é dia do seu definitivo bye-bye Brasil, tenha a humildade de reconhecer que seu tempo passou e tenha o orgulho de sair de cabeça erguida por nunca ter vendido sua alma, que foi rock enquanto rolou, que você foi vencedora naquilo que escolheu seguir. Agradeça aos deuses da música e tira de uma vez seu time de campo, bonitona! (LEE, 2016, p.365).

Sua infância na Vila Mariana, uma mansão na Rua Joaquim Távora, é relatada como sendo feliz e rica em cultura, com a presença da família, como seu pai, Charles Fenley Jones (de ascendência norte-americana) e sua mãe, Romilda Padula (formação italiana e católica). Na infância, Rita Lee brincava no porão com suas irmãs (antecipando ali Las Hermanas Sisters) e estudou no Liceu Pasteur, onde formou The Teenage Singers, sua primeira banda. Quando criança, aprendeu a tocar piano, o que se tornou outra fonte de inspiração musical.

A era dos Mutantes marca o início de sua trajetória, com o grupo formado em 1966 por Rita, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias, pioneiro no rock psicodélico brasileiro. Ela descreve assim sua recepção inicial:

Os Mutantes nunca foram vendedores de disco nem frequentadores das paradas de sucesso em rádios. Éramos apreciados por nossa esquisitice visual e sonora. Hoje somos considerados cult, mas na época ganhamos o apelido brega de “os the brasiliã bítous” (LEE, 2016, p.95).

Sua saída do grupo em 1972 foi abrupta, justificada por Arnaldo Baptista como falta de “calibre como instrumentista”, refletindo tensões e, mais tarde levando à superação desse revés e abrindo caminho para sua carreira solo.

Rita Lee foi presa na época da Ditadura Militar, uma experiência tão traumatizante que se tornaria inspiração para a música “X21”:

Como agradecer às minhas companheiras de cela por todo o cuidado?
Eu então voltei para casa e escrevi a letra e a música para ‘X21’

inspirada pela minha experiência com cada uma delas. Dona Solange jogou a carta do ‘Eu não sabia, não gostei e censurei’, com a letra ganhando uma posição de destaque – provavelmente ao lado de muitas outras – que dizia “desrespeito aos valores familiares”. ‘Bom e brilhante para se orgulhar no currículo” (LEE, 2016, p. 217).

O livro se aprofunda em seus vícios em drogas e álcool, enquanto Rita Lee olha para trás sem arrependimentos:

Não faço a Madalena arrependida com discursinho antidrogas, não me culpo por ter entrado em muitas, eu me orgulho de ter saído de todas. Reconheço que minhas melhores músicas foram compostas em estado alterado, as piores também. Lamento apenas a demora em perceber que o ‘remédio’ já estava há muito for a da validade (LEE, 2016, p.366).

Suas músicas, entre elas “Mania de Você” e “Lança Perfume”, foram pioneiras na desconstrução de normas sociais e falavam sobre a sexualidade feminina:

O primeiro deles a tomar as rádios é mais do que uma música romântica: ‘Mania de você’ traz uma mulher porreta, tomando as rédeas do prazer para si. E numa época em que o prazer feminino era um tabu! O sexo era sempre cantado do ponto de vista masculino. Muita gente achou um absurdo, mas muito mais gente se identificou com Rita e a música passou semanas em primeiro lugar nas paradas (LEE, 2016, p.239).

Um trecho marcante de sua autobiografia capta bem a filosofia de Rita Lee sobre a criatividade e a vida:

O pior inimigo da criatividade é o bom-senso, mudar, mudar, mudar, nem que seja para pior. Dói mais sorrir na frente dos outros do que chorar sozinha, mas não devo levar a vida tão a sério porque ninguém sai dela vivo. Debochar de mim mesma é uma estratégia que sempre dá resultado positivo (LEE, 2016, p.370).

Esta estreia autobiográfica também apresenta a “personalidade” pública de Rita Lee, cheia de realizações e dramas, estabelecendo-se como uma artista sarcástica e camaleônica.

Rita Lee: Outra Autobiografia (2023)

Em “Rita Lee: Outra Autobiografia” (2023), Rita Lee retoma de onde a primeira autobiografia parou, contando os últimos três anos de sua vida, do início da pandemia de Covid-19 até um diagnóstico e cura de câncer no pulmão. A autora percebe a velhice não como degeneração física, mas como autorrealização, um amadurecimento:

Entendo perfeitamente o que Nelson Rodrigues quis dizer com “jovens, envelheçam!”. Trocamos a pele de cobra e em vez de rejuvenescer por fora renascemos por dentro, ficamos mais atentos, mais próximos da morte, e isso nos faz questionar e buscar informações que só agora parecem fazer mais sentido. (LEE, 2023, p.27)

Há uma espécie de ponderação provocadora de morte quando a autora se refere a esse aspecto e tece um argumento a favor de uma morte que é natural e cíclica:

Tenho certa implicância com cemitérios [...] Acho que túmulos ocupam o lugar de pessoas vivas, e que cemitérios poderiam virar parques e praças, quem sabe até mesmo moradias. Por isso, quero ser cremada e ter as cinzas jogadas na minha horta caseira sem agrotóxicos para me transformar numa alface succulenta (LEE, 2023, p.83).

Compartilhando sua rotina, sua espiritualidade, seus sonhos e projetos de forma direta, casual, com humor, pathos e arroubos delirantes, Rita Lee escreveu com franqueza, assumindo que correu riscos por amor aos seus fãs. Sobre a mais corajosa luta contra o câncer nos últimos dois anos (uma descoberta de um tumor de 20 cm no pulmão esquerdo durante o ano de 2021) assim ela se pronuncia:

Estelita que, com toda a calma, delicadeza e seriedade do mundo, me disse que eu estava com um câncer de vinte centímetros de perímetro no pulmão esquerdo e que apenas uma biopsia em alguns pontos revelaria o tipo de célula cancerígena, que eu faria no dia seguinte de manhãzinha. Para tanto, Eu deveria ser internada, e depois, quem sabe, voltaria para casa. (LEE, 2023, p.8)

Ela apresenta um grande mergulho espiritual e relaciona a doença a crenças místicas:

Meu lado são Tomé recebeu a prova que sempre esperou para crer que de fato a vida só começa mesmo quando nos transformamos em espírito. O “outro lado”, ou seja, as Dimensões de Luz, nos é muito mais familiar do que este lado, onde vivemos presos dentro de corpos densos. Não sei quanto tempo durou a viagem até me sentir puxada de volta para a cama do hospital. Aterrissei em estado de graça e com o sol nascendo em primeiro de maio. (LEE, 2023, p.28)

No trecho a seguir, ela descreve intervenções divinas enquanto estava no hospital:

Na minha cabeça, tive a impressão de que o “mal” tinha se materializado e desistido de me devorar. Nem mencionei o fato aos médicos porque a “tripa” era obra dos espíritos da Luz da cura. Continuei sem nenhuma reação à quimio, diferentemente de conhecidos oncolegas que estavam na mesma trip de câncer que eu.” (LEE, 2023, p.67)

A autora revela fraqueza física e desmaios, com ataques de pânico e perda de apetite, enquanto sua família continua a apoiá-la:

Minha família e meus amigos me mimavam, me tratando como rainha. Juca e Rob me acompanhavam nas sessões de quimio, aguentando as três horas de agulha no meu braço. Confesso que não esperava tamanho cuidado por parte do meu harém masculino e, como já mencionei, estou a cada dia mais tirana, mandando e desmandando favores, comida, inalações etc. (LEE, 2023, p.81)

Ela amava cães, apreciava memórias e deixa um legado de fé, vida e amor. A conclusão do livro mostra Rita Lee desfrutando de uma mistura de deleite e espiritualidade, o que a faz se sentir “a pessoa mais feliz do mundo”: “Sinto não estar só, e com rabo de olho dá para perceber a presença, mesmo que invisível, da turma da Luz. Quando isso acontece, me sinto a pessoa mais feliz do mundo”. (LEE, 2023, p.90). O livro apresenta sua visão inspiradora da luta contra a doença, centrada no desejo de Rita Lee de romper seus limites físicos, com um olhar crítico incisivo e uma atitude audaciosamente corajosa.

Pressupostos Teóricos

Uma referência central é o “Pacto Autobiográfico” de Philippe Lejeune (2008), que define a autobiografia como gênero baseado na identidade entre autor, narrador e personagem: “Para que haja autobiografia (e literatura mais geralmente íntima), deve haver identidade do autor, do narrador e do personagem” (LEJEUNE, 1975, p.14). Lejeune vê a autobiografia como construção discursiva, não mera reprodução de fatos, envolvendo seleção, organização e interpretação para ressignificar a vida, estabelecendo diálogo entre passado e presente: “Um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles” (LEJEUNE, 1975, p.24). O pacto é, assim, um acordo de verdade relativa, dependente de memória e perspectiva, distinguindo autobiografia de biografia: “Biografia: A é ou não N; P se parece com M. Autobiografia: N está para P assim como A está para M” (LEJEUNE, 1975, p.45). O gênero é reconhecido pelo pacto e nome próprio, não por conteúdo ou estilo, sendo ambíguo, pois permite mentiras ou omissões, equilibrando verdade e arte.

Outro conceito relevante é a autoficção, discutida por Serge Doubrovsky, que implica liberdade ficcional com ingredientes biográficos: “Autobiografia? Não, esse é um privilégio reservado aos importantes desse mundo, ao fim de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, for a da sabedoria e for a da sintaxe do romance, tradicional ou novo” (DOUBROVSKY, 1977, capa). Doubrovsky destaca essa recriação da vida através das palavras em um sujeito fraturado:

A narração não é uma imitação, mas uma espécie de jogo com a existência por meio das palavras, uma recriação da linguagem pelo Eu que fala e seus sucessivos Eus. [...] Do estado de ser (Eu) em UNIDADE (a totalidade narrativa), ele passou a um estado de fragmentação que pode ser traduzido como desarticulado, fragmentado e, em algumas ocasiões, contraditório (DOUBROVSKY, 2011, p. 22).

Segundo Doubrovski, a narração não é uma cópia, ela é recriação de uma existência através das palavras, reinvenção da linguagem pelo Eu do discurso e seus Eus sucessivos. [...] De unidade através da narrativa, ele se tornou quebrado, dividido, fragmentado, em caso extremo, incoerente (DOUBROVSKY, 2011, p.22).

Essa discussão sobre a autoficção pode muito bem ser associada com as obras de Rita Lee, que constrói sua própria história ao se render à mutabilidade da verdade em entrevistas, incluindo uma na Rolling Stone:

Quando ela (Rita Lee) quer, mente e pronto – seja por e-mail, seja no cara a cara. “Vamos combinar que todo mundo mente?” [...] inventar coisas absurdas a seu respeito não é mais interessante para um jornalista do que simplesmente contar-lhe como sua vidinha verdadeira é besta? (STONE, ROLLING, 2007, p.88).

Sua autoironia, por exemplo, aparece no trecho a seguir: “Dentro deste corpo que me pertence há 60 anos já pude presenciar uma porrada de exemplos de minha burrice e mediocridade” (STONE, ROLLING, 2007, p.88). Ela também apresenta um “Eu” performativo

com o qual vegetarianismo e direitos dos animais estão entrelaçados em um humor ácido que questiona hipocrisias: "não vê a menor diferença entre comer carne humana e carne de bicho" (STONE, ROLLING, 2007, p.90).

José Luís Peixoto em "Autobiografia" (2019), por exemplo, considera a fronteira entre realidade e ficção: "Posso usar o nome de S, a descrição do seu corpo/rosto, até os detalhes aparentemente mais intransmissíveis da história de S, e pousar tudo isso sobre mim, contar-me a mim próprio através do outro e contar o outro através de mim próprio, eis a literatura" (PEIXOTO, 2019, p.96). Esse trecho pode ser visto aqui como um contraponto ao que Rita Lee apresenta, pois a autora busca a construção multifacetada de uma id-entidade a partir de sua própria visão, com contrapontos do "fantasminha", que corrige eventuais esquecimentos.

Uma leitura sobre as autobiografias de Rita Lee é a de Pollyanna Reis Dias (2019), que enfatiza a ironia e o não-comprometimento político da cantora no período da ditadura, ou seja, essa autora afirma que o lado cultural se sobressai, ao invés do militante. Podemos dizer que Dias, em suas críticas, não reconhece a própria performance de Rita Lee, que questiona todo autoritarismo com sua forma contestatória de fazer arte.

Tiago Ramos e Mattos (2022) consideram as obras de Rita Lee como autobiografia autonarrada, onde "Eu" é o pronome dominante, mas eles mudam de vozes para narrar outros - estabelecendo estranhamento através da persona "Phantom" (o coautor fantasma). Todos esses aspectos da obra da autora, reforçam a representação de si¹ e o controle de Rita sobre sua imagem, moldando o "eu" autobiográfico com liberdade, coerência e autenticidade, conforme o que Lejeune fala sobre o "pacto autobiográfico". Esses pressupostos exploram zonas cinzentas entre real e ficcional, performance do "eu" e a construção narrativa em Rita Lee.

Resultados e Discussão

Por meio desta pesquisa, podemos afirmar que as autobiografias de Rita Lee abrem uma narrativa privada, compartilhando aspectos relevantes de sua carreira, conflitos pessoais, além de se pronunciar sobre problemas mundiais. Ao recorrer à noção de Pacto Autobiográfico, teorizado por Philippe Lejeune, verificamos que Rita Lee estabelece um compromisso com a verdade em suas memórias, mas abrindo caminho para a livre interpretação de sua expressão artística e pessoal.

As análises sugerem que a autora deixa um legado de sinceridade ao relatar, entre risadas irônicas e vulnerabilidade reveladora, que faz seu público pensar carinhosamente – mas não sentimentalmente – sobre a confusão que a vida pode ser. A boa recepção das obras comprovou sua influência na cultura Brasileira, mesmo postumamente.

Destacamos alguns pontos altos de sua jornada e sua projeção no campo da representação autobiográfica, levando em consideração reflexões como as de Pollyanna Reis Dias (2019), que postula que Rita Lee estava ciente da confrontação social na era da ditadura, mas optou por não se posicionar diretamente.

No entanto, vemos, em um trecho em particular, que Rita Lee constrói um quadro visceral da aleatoriedade e brutalidade da ditadura militar brasileira e de como a vida dos artistas

¹ Sobre o conceito de "representação", ver o verbete correspondente no *Dicionário de narratologia*, de Reis e Lopes (2007).

estava em risco. Ela é um exemplo do risco em confrontar ditaduras, “mesmo” no caso de pessoas influentes como ela:

Fiquei tocada com a história da mulher e topei. Dia seguinte, fui ao Fórum e contei a mesma cena. Mal sabia que estava metendo a colher no caldeirão corporativo da polícia paulista. Recebi o troco três dias depois, quando quatro deles chegam de madrugada na rua Pelotas com uma ordem de busca sem apresentar qualquer documento (LEE, 2016, p.151).

O relato começa com o apelo de uma mãe por justiça para seu filho assassinado por um policial. Rita Lee confirma a versão da mãe, demonstrando empatia e senso de justiça, assumindo riscos ao confrontar o poder. A frase sublinha sua ingenuidade inicial sobre as repercussões. Três dias após, sua casa é invadida de madrugada por policiais sem mandado, sob pretexto de buscar drogas, revelando abuso de poder e intimidação. Mesmo como “rainha do rock”, ela se vê vulnerável, com confusão inicial e crueldade exacerbada por sua gravidez e abandono de drogas. Esse episódio exemplifica a dificuldade de desafiar o regime, com vigilância e estratégias para desmoralizar opositores, silenciando vozes divergentes. É um testemunho de como a repressão penetrava a esfera pessoal, tornando-o um ato de resistência perigoso.

No contexto da escrita autobiográfica e da “Jornada da Heroína”, de Murdock (1990), podemos dizer que Rita Lee usa de sua Liberdade para moldar sua história. A autoficção, termo de Serge Doubrovsky, refere-se a obras com elementos biográficos, mas com liberdade ficcional. Embora Lejeune faça distinção entre autobiografia e ficção, práticas como as de Rita Lee desafiam isso, admitindo (em entrevistas como a da Rolling Stone) que a “verdade” é maleável e “inventar coisas” pode ser interessante:

Autobiografia? Não, esse é um privilégio reservado aos importantes desse muno, ao fim de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, for a da sabedoria e for a da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliteraões, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda: autofricção, pacientemente onanista, que espera agora Compartilhar seu prazer (DOUBROVSKY, 1977, capa).

Essa abordagem permite explorar zonas cinzentas entre real e ficcional, como a autora manipula fronteiras para criar impacto, provocar reflexão e desmistificar sua figura com autoironia sobre “burrice e mediocridade”. A partir de uma análise atenta, verificamos como o “eu” é negociado e performado, refletindo a liberdade para construir a história conforme a vontade, como apontado por Feijó.

Considerações Finais

Uma das interpretações possíveis, após a leitura das autobiografias e da obra fundamental que é “O Pacto autobiográfico” (2008), de Philippe Lejeune, é a de que Rita Lee, através de suas autobiografias, constrói uma representação de si mesma que é ao mesmo tempo franca e íntima. Ela utiliza suas obras para se despedir da persona pública conhecida como a

“rainha do rock brasileiro” e compartilhar um relato mais pessoal e detalhado de sua vida. O primeiro livro era uma despedida da persona Rita Lee, enquanto o segundo é um relato mais íntimo e pessoal de sua vida, o qual abrange a doença que atingiu a cantora.

Como vimos, o contraponto do corpus, composto pelos dois volumes de autobiografias, com artigos de estudiosos, como Dias (2019), Feijó (2024), Ramos e Souza Mattos (2022), bem como entrevistas na Rolling Stone, proporcionou uma análise diversificada e detalhada sobre a identidade de Rita Lee.

Consideramos que a versão de "Eu" na autobiografia é não apenas algo mais do que um registro ordenadamente cronológico. Revela-se como uma espécie de edificação complexa, que inclui fundamentos e traços internos de seu itinerário. Ao longo desta pesquisa, constatamos que a rebeldia inata de Rita Lee se manifesta não só em sua arte, mas também na subversão das expectativas do gênero autobiográfico. Sua ironia característica desmistifica sua própria figura e convida o leitor a questionar verdades estabelecidas, como evidenciado em sua relação com a mídia e a “verdade” factual. Ademais, o feminismo implícito em suas escolhas de vida e voz autêntica ressoa poderosamente, inspirando uma liberdade de ser e existir que desafia padrões. A integração desses elementos — rebeldia, ironia e feminismo — fortalece a complexidade de sua identidade autobiográfica e consolida seu legado como ícone que utilizou a palavra escrita para uma última e poderosa reinvenção de si.

Pode-se concluir, portanto, que as autobiografias de Rita Lee não são apenas relatos de uma história de vida excepcional. Consistem em processos contínuos de (re)construção do eu e diálogo com o mundo, que representam as complexidades da identidade brasileira e as potencialidades discursivas para transformar a cultura nacional através da arte.

Por tudo o que criou e construiu, podemos afirmar que o legado de Rita Lee é importante e suas memórias sempre serão um convite para refletir sobre a vida, a verdade e o espanto com o que uma pessoa pode contribuir ao agir sobre a sociedade como uma força da natureza.

Por fim, o exame as autobiografias de Rita Lee, cotejadas com os conceitos e artigos críticos discutidos, revelam a uma multiplicidade de olhares que apresentaram uma visão abrangente, mostrando-nos tanto sua persona pública quanto a complexidade existente em sua identidade multifacetada. Ao lermos as duas abordagens em sequência, torna-se claro que a construção autobiográfica do "Eu" de Rita Lee é uma questão complexa que envolve rebeldia, ironia e feminismo.

Referências Bibliográficas

DOUBROVSKY, Serge. “C’est fini”. Entretien réalisé par Isabelle Grell. In : FOREST, Philippe. La Nouvelle Revue Française. Je & Moi. Paris: Gallimard, N° 598, octobre 2011.

DOUBROVSKY, Serge. Fils: roman. Paris: Éditions Galilée, 1977.

FEIJÓ, J. **A mulher no fim do mundo: identidade da mulher negra no discurso das biografias jornalísticas de Elza Soares**. 2024. 94 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias, João Pessoa, 2024. Orientação: Glória Rabay. Coorientação: Marluce Pereira.

LEE, Rita. **Rita Lee: outra biografia**. São Paulo, SP. Editora Globo Livros, 2023.

LEE, Rita. **Rita Lee: uma autobiografia**. São Paulo, SP. Editora Globo, 2016.

LEE, Rita. **“Não nasci para casar e lavar cuecas”**. Rolling Stone, São Paulo, n. 15, p. 86-93, dez. 2007.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LEVI, Giovanni. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v.10, nº2, edição de Dezembro de 2021.

RAMOS, T., & MATTOS, M. (2022). **Entrevista e biografia: gêneros do discurso híbridos e heterogêneos**. Verbum. Cadernos de Pós-Graduação, 11(3), 162–17212

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 7ª edição. Lisboa: Almedina, 2007.